

**MODERNIDADE E SOLIDÃO:
RELAÇÕES E REAÇÕES AO NOVO NA IMPRENSA DO RECIFE DOS ANOS 20**

AUTOR: CARLOS EDUARDO DE ALBUQUERQUE FILGUEIRAS
ALUNO DE GRADUAÇÃO DA UFPE

A pesquisa

O trabalho de pesquisa que busca os registros históricos da solidão no Recife dos anos vinte está tendo como linha principal os itinerários da modernidade, como o próprio título do projeto matriz sugere. Isto quer dizer que o foco da pesquisa está na nova visão de mundo que a modernidade levou ao homem daquela época. Nova visão proporcionada principalmente pelo diálogo entre o velho e o novo, entre o antigo e o moderno, que aqui assume o sentido de oposição ao antigo.

Apresentação das fontes e contexto histórico

Uma característica do homem em nossas relações culturais é justamente reagir ao novo, que diante de regras já estabelecidas torna-se incerto. Cabe então aqui, antes de prosseguir a discussão, apresentar as fontes pesquisadas e contextualizar o Recife nos anos vinte. As principais fontes pesquisadas foram os jornais *Diário de Pernambuco* e *A Província*, além da revista *A Pilhéria* e os arquivos pessoais do cineasta e jornalista Jota Soares, uma figura que não só fez parte, mas ajudou a construir e a registrar o Recife da época. O Recife era um palco ideal para os conflitos entre o novo e o velho. A sociedade passava por um verdadeiro processo de ebulição, o país foi governado em estado de sítio por quatro anos durante o mandato de Artur Bernardes (1922-1926). No espaço de tempo que foi de 1919 a 1930, Pernambuco teve nove governadores entre efetivos e interinos. Destaca-se o governador Sérgio Loreto (1922-1926), que propunha uma modernização nos moldes europeus nos campos da saúde e habitação, por exemplo. Aqui no Recife um certo padre Elyseu era acusado de se meter em política (*Diário de Pernambuco*, 04/01/1923), fato que tem uma certa repercussão na imprensa e que causa estranhamento. Cidade portuária que é, o Recife estava aberto a todas as influências vindas do exterior. Na linguagem prevalecia a forte influência francesa, presente em termos como a *La Garçonne, rouge*, entre tantos outros. Há, inclusive, n' *A Pilhéria* dois quadros chamados *Mademoiselle Recife* e *Do flirt, do footing, da Rua Nova*, que enfatizam justamente estas influências estrangeiras no português. O Recife também era um pólo cinematográfico conhecido como “Hollywood Brasileira”. Uma das principais personagens que fizeram parte do cinema recifense foi Jota Soares, cujos arquivos provam esta fama e o devido reconhecimento inclusive do sul do país. A revista *Manchete* de 17/07/1954, presente nos arquivos de Jota, conta toda a história do cinema recifense e diz que aqui houve nos anos vinte “o primeiro surto de profissionalismo cinematográfico”. Os resquícios da sociedade colonial ainda eram bastante presentes na discriminação social, por exemplo. Uma nota num jornal de 1923 há a denúncia de que pessoas “sem colarinho, de chinelos, e maltrapilhos” estão aborrecendo os “demais passageiros que se vêem nessa promiscuidade pouco agradável” por andarem nos bondes de primeira classe (*A Província*, 18/03/1923). Na coluna *A Nota dos Sete Dias d'A Pilhéria*, o autor informa que o Recife passa por “fatos lamentáveis, incidentes, suicídios, além de outros casos menos sanguinolentos...” (*A Pilhéria*, nº 157, 27/09/1924). Este é um pequeno esboço do contexto do Recife da época.

A solidão e o novo: exemplos

Voltando há discussão relativa aos diálogos entre o novo o velho, encontramos justamente na reação a esses diálogos os indícios relativos à solidão. É importante colocar que esta solidão é encontrada nas entrelinhas, pois o próprio vocábulo “solidão” é pouco utilizado. A solidão, então, é vista como parte de uma construção social do indivíduo diante da chegada da modernidade. Um exemplo da reação do homem ante ao novo pode ser dado na relação entre um depoimento e uma propaganda. Na coluna Ridículos, d’A Pílhéria, Manoel Caetano Filho, um tradicionalista, fala da arquitetura que o Recife está adotando. Segundo ele, o Recife não sabe se remodelar e cresce confuso. Ao Recife moderno, Manoel “tem ojeriza, nem gosta de ver (...) Acha seus prédios imitados, franceses, pernósticos”. Levado a um passeio, Manoel se decepiona ao ver o bairro dos Aflitos “onde o modernismo tinha açambarcado aquele lugar” (A Pílhéria, nº 157, 27/09/1924). No número seguinte da revista, (04/10/1924) há a propaganda da loja A Flor de Paris. No enunciado há a informação de que a loja passou “por uma reforma geral, apresentando atualmente uma bela fachada, arquitetura moderna”. Nos exemplos o mesmo fato, ou seja, a remodelação da arquitetura do Recife é vista de duas formas diferentes. Enquanto que na propaganda a arquitetura moderna é vista como uma vantagem, no depoimento ela é causa de decepção e aparente tristeza, que pode ser uma forma de solidão. Outro indício de que a modernidade isolava os homens está relacionado à arte. É o caso da publicação do livro *A Abolição da Arte*, de Raul Machado. No livro o autor “batalha pela abolição dos velhos preceitos, das antigas regras que obrigavam o verso a um emparralhamento atrofiante” (A Pílhéria, nº 158, 04/10/1924). Isto explicita o questionamento às regras impostas à produção artística. Contudo, a nota *As Máximas de Agnello Cruz*, traz uma breve passagem sobre o major A. C., um homem que se fechou às inovações e que como reação a isto resolveu não publicar mais os seus escritos. Justifica que “ninguém se deliciará com a minha arte (...) numa época em que só se pensa em jazz-bands”. Segundo o major, o futurismo é um ídolo de “um bando de imbecis” (A Pílhéria, nº 157, 27/09/1924). A atitude do major de não publicar os seus escritos em protesto ao novo consiste num isolamento, na busca da solidão para resistir ou refletir. As inovações estavam presentes em todos os aspectos da sociedade. O número 153 d’A Pílhéria traz o anúncio do filme “*As Filhas Pródigas*”, que trata “dos excessos de liberdade concedida às filhas pela educação moderna”. Até o sexo é tocado pelas mudanças. O Dr. Beaugendre oferece um livro que ajuda a combater a falta de apetite sexual, pois “a frieza íntima é causa de muitas desgraças, sombreia a felicidade da maioria dos casais, transforma o homem num ser inferior e a mulher, em geniosa e irascível” (A Província, 10/01/1923). A mulher começa a se emancipar e copia modas vindas da Europa como os cabelos a *La Garçonne* e as pernas nuas, ou à *bataclan*. A culinária também recebe inovações e o colunista Blasco Vaz aproveita para fazer uma crítica repudiando a desnacionalização da cozinha pernambucana (A Pílhéria, nº 157, 27/09/1924). Também era grande o número de suicídios que ocorriam no Recife. É o caso de dois homens que se suicidaram na mesma semana devido à dívidas (A Província 07 e 11/01/1923). Para exemplificar o impacto da vida moderna no cotidiano vale colocar uma história encontrada na revista *Ilustração*, dos arquivos de Jota Soares. Trata-se do diálogo entre pai, mãe e filho na qual este conta à sua mãe sobre as formas das nuvens. A mãe incentiva a imaginação do menino enquanto o pai, preocupado com a cotação da bolsa de valores a repreende e a recomenda a impedir o “curso da imaginação” dele. A mãe responde sorrindo dizendo que esta fase do menino passará assim como passaram as nuvens e os arco-íris do então noivo. Diz ainda que o que restou está amarelecido nas gavetas enquanto que as ações do Banco Francês do Rio da Prata presenteadas em junho, em outubro já não existiam. (Produção Intelectual A13g1(s/v)). A modernidade também está presente nas propagandas e aí há um forte apelo ao emocional. A propaganda da Ford une o fascínio da chegada do carro à exploração do ter: “A delícia da vida consiste em possuir um belo automóvel. E um belo automóvel é o último modelo” (A Pílhéria, nº 159, 20/09/1924).

Conclusão

O colunista d'A Pihéria reconhecido por Fru sintetiza o que o Recife estava passando e o que causava tanto estranhamento e solidão nos homens: "O Recife vai progredindo admiravelmente (...). A evolução vai se desdobrando em todas as suas modalidades, na transfiguração da cidade, na mudança das escolas literárias, no caráter dos homens, nas lutas políticas, nas artes, nas danças, na indumentária, nos costumes...Até as mulheres mudaram..." (A Pihéria, nº 159, 11/10/1924). Diante de tantas mudanças tão bem percebidas por este colunista, fica mais fácil entender por que o homem procurava o isolamento. O futuro devia parecer incerto. Vemos também que esta busca do isolamento é uma característica de reação do homem ao novo não só nos anos vinte no Recife, mas em qualquer época e em qualquer lugar onde nossas relações culturais estejam presentes. Falando sobre a Nova York do século XXI, Nicolau Sevcenko diz que "os contrastes e desproporções estonteantes seduzem e desnorream, provocando uma nostalgia do íntimo e familiar" (Carta Capital, dezembro de 2002).

BIBLIOGRAFIA

- AUSTER, Paul. A Invenção da Solidão. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
BERMAN, Marshall. Tudo que é Sólido Desmancha no Ar. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
PAZ, Octavio. O Labirinto da Solidão e Post Scriptum. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
REZENDE, Antônio Paulo. Desencantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997.
_____. O Recife: histórias de uma cidade. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.